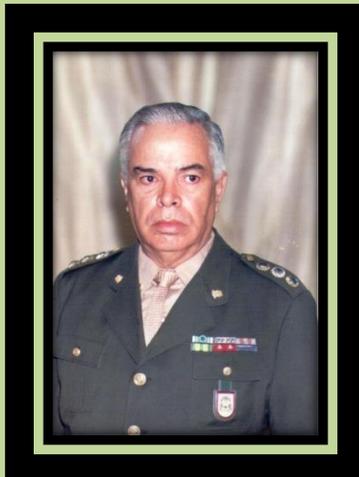
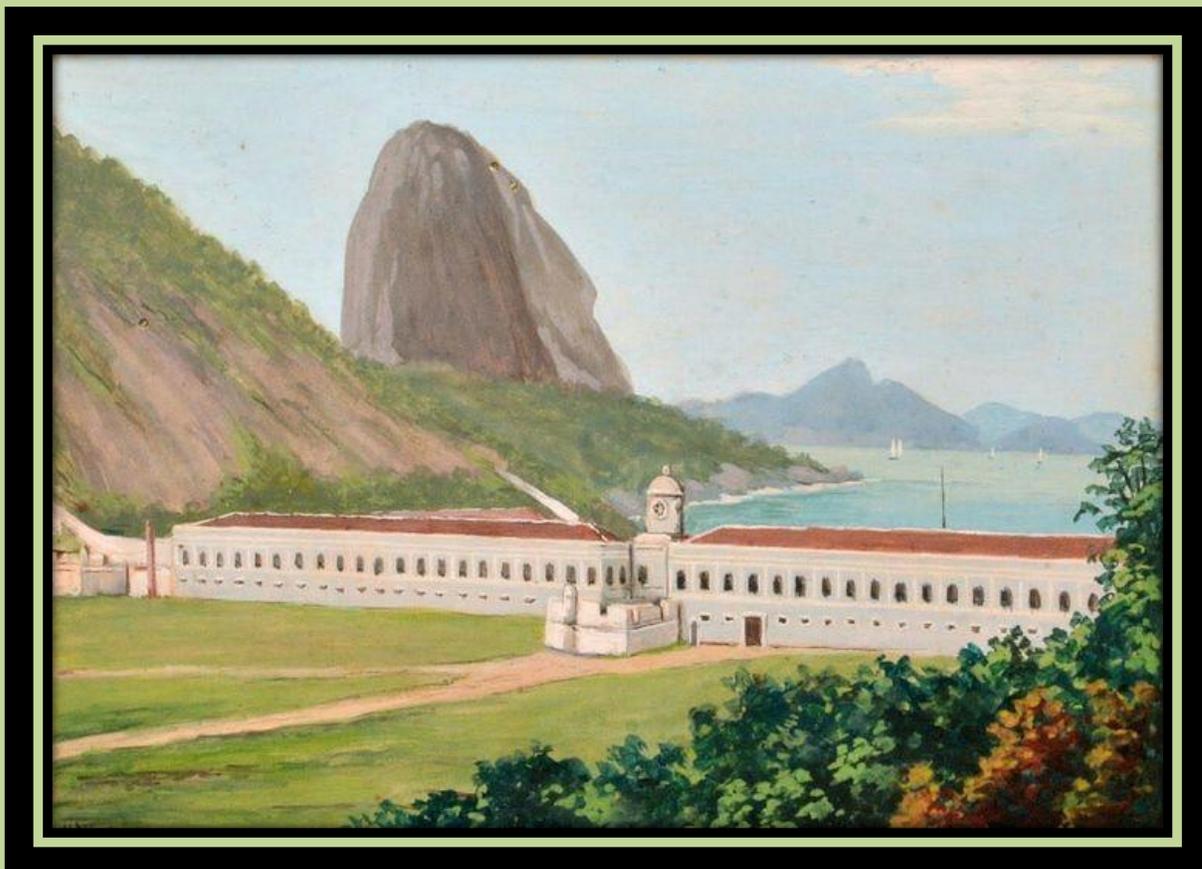


**A ESCOLA MILITAR DA PRAIA VERMELHA DO PONTO  
DE VISTA DE UM EX-ALUNO, O GENERAL JOSÉ  
FELICIANO LOBO VIANA**



Veterano Cel Eng e EM Claudio Moreira Bento (x)



**Escola Militar da Praia Vermelha**

**LIVRO DIGITAL**

Capa por Camila Karen C. S. Renê com orientação do autor Cel Bento

Nota da Revista do Exército Brasileiro

O Coronel Cláudio Moreira Bento, foi Diretor do Arquivo do Exército, e é pesquisador e escritor de Livros sobre História Militar Brasileira. Sua colaboração para a REB, enriqueceu esta seção. Pesquisa de sua autoria permitiu à redação comentar trechos de textos publicados no ano de 1962 em **O Jornal**, pelo General José Feliciano Lobo Vianna. Os textos fazem parte de um conjunto de nove artigos editados à época sob o título geral de "**Reminiscências da lendária Escola Militar da Praia Vermelha (1878-1883)**".

Lobo Vianna, que fora aluno do velho e histórico instituto e chegou a ser General professor de Arte Militar (Tática, Estratégia e História Militar), fixou, naqueles textos, flagrantes da vida militar, em especial da vida escolar, com a perspectiva de oficial, coronel, criando, assim, importantes referenciais históricos, que valorizam essa seção de criação recente da **Revista do Exército Brasileiro**



**General José Feliciano Lobo Vianna**

General José Feliciano Lobo Vianna foi professor da Escola Militar do Brasil (Praia Vermelha). O General Paula Cidade o considerou, ao lado de Benjamin Constant, Tasso Fragoso, João Fulgêncio Manuel e de Liberato Bittencourt, como das grandes culturas da Praia Vermelha. O texto que transcrevemos de Lobo Vianna, de modo geral, é audacioso e forte, embora quase sempre temperado por expressões e idéias que beiravam a ironia e a crítica. Seus temas preferidos despertavam o interesse do leitor afeito aos assuntos da caserna e das escolas militares.

A vida escolar, a história da Escola, as promoções de novos oficiais, os vencimentos — "o soldo" —, a rotina do quartel, além dos tipos humanos que revestem o ambiente da caserna com a riqueza de suas vidas simples: servidores da Escola Militar, um professor rigoroso de Matemática, um barbeiro, enfim, personalidades cuja importância funcional nem sempre justificaria, além de seu valor como ser humano, o fato de se haverem perpetuado na memória dos alunos.

Esses flagrantes valorizaram a obra de Lobo Vianna.

Em um artigo de 3 de janeiro de 1926, Lobo viana focalizou o trote na Escola Militar. Mas não o fez de modo a avaliar sua prática, mas o de flagrar o instantâneo anedótico, a crônica jocosa da época.

Seu longo artigo se intitulava "**Agitada e hilariante assembléia**". Reviveu ali a tradição da relação pouco amistosa entre "veteranos" e "calouros" (ou "bichos",

como até hoje são chamados os cadetes do 1º ano AMAN ).

Lobo Vianna abordou, nesse artigo, um código da interação "veterano"- "bicho", cujo primeiro artigo é definido assim: "todo bicho tem direito a não ter direito a coisa alguma". A figura do "bicho" aparece nesse código como a mitológica vítima no rigor de sua pequenez escolar admitida. Disseca-se essa relação: "bicho não pensa, não raciocina, age por instinto, não vive, vegeta e é burro por índole".

O código mantém o tom em todos os outros artigos:

- "O bicho só tem deveres com veteranos:
- conservar-se de pé quando dirigir- lhes a palavra;
- engraxar-lhes as botinas quando sujas;
- encher-lhes as moringas quando vazias;
- ceder-lhes os lugares nos bondes, pagando imediatamente a passagem;
- comunicar-lhes, sem demora, o recebimento de presentes, doces, frutas, comidas que receba de casa etc".

Mesmo considerando as diferenças de época e a mudança de comportamento na relação entre os atuais "veteranos" e "bichos", o código, em seu espírito, tem- se mantido com a mesma essência, com a mesma dose de bom humor.

O tema seria retomado em outro artigo, em que contou sua própria experiência como "bicho", recebido pelos "veteranos", em 15 de janeiro de 1878.

Em outro artigo, sem data, Lobo Vianna aborda um tema mais grave: as promoções ao primeiro posto de oficial do Exército, ressaltando "favoritismos" e "pistolões" no critério aplicado, em que pesasse o espírito da lei de 1865, que só passaria a ser cumprida pelo Ministério da Guerra de Franklin Dória — Barão de Loreto — e por seu sucessor Affonso Pena. Abordava, ainda, que critérios alterados pelo Ministro Carlos Affonso favoreceram os oficiais da tropa, em detrimento dos que eram formados em escolas. Esta situação foi corrigida pela República, que exigiu como condição de promoção o curso de Arma e o bom comportamento civil e militar.

O ambiente interno e externo da Escola Militar está descrito no artigo de 5 de julho de 1926, "Dia do Soldo".

Conta que o cerimonial iniciava com a leitura prévia dos artigos de guerra do Conde de Lippe dos quais destacam-se estes:

Art. 17 — Todo soldado deve se contentar com o seu pagamento, com o seu quartel, com o uniforme que lhe dão. Caso contrário, será tido e castigado como amotinador.

Art. 21 — Todo aquele que contrair dívidas às escondidas de seus oficiais será punido corporalmente.

Art. 26 — Nenhum soldado poderá emprestar dinheiro ao seu camarada nem ao seu superior.

**Em "Do café da manhã à instrução dos recrutas", 11 de abril de 1926,** Lobo Vianna estuda a "Questão do Café", ocorrida ao tempo das Questões

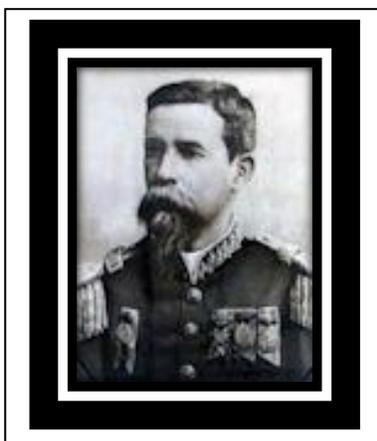
Religiosa e Militar, e de importância histórica ainda não considerada, de forma conveniente pelos historiadores. Conta Lobo Vianna que a questão teve início quando um aluno, em termos descorteses reclamou sua ração de café



O Comandante da Escola, General Polidoro Quintanilha Jordão, foto acima, ao conhecer o fato decidiu:

- prender o aluno na Fortaleza da Lage;
- suprimir o café da manhã;
- substituir o café da manhã por exercícios matinais.

Revoltados, os alunos, na manhã de 8 de maio de 1875, sob a liderança do Cap Gomes Carneiro, vinte anos mais tarde o herói da Lapa, se dirigiram ao centro do Rio, às seis horas da manhã, e fartaram-se de café no Café Londres Brasília.



**Capitão Gomes Carneiro lider da revolta contra a supressão do café determinada pelo General Polidoro comandante da escola Militar da Praia Vermelha**

O General Polidoro tomou as medidas repressivas no dia e deu conhecimento ao Ministro da Guerra Duque de Caxias. Os oficiais e praças implicados foram desligados no dia seguinte, e muitos outros, por solidariedade aos companheiros, se desligaram.



**Brigadeiro Conrado Maria da Silva Bittencourt**

A repressão do café durou quatro anos até que foi restabelecido pelo heróico comandante do Batalhão de Engenheiros, Conrado Maria da Silva Bittencourt, ao assumir o comando interino da Escola em janeiro de 1879.

Dos tipos humanos que desenham o "folclore" da vida escolar, Lobo Vianna tratou de fixar o flagrante do "**Champu**", barbeiro português a quem qualifica como "artista capilar", ao qual os alunos recorriam para cortar seus cabelos às quartas-feiras e aos sábados. Deve ter sido um personagem fascinante aos olhos de um aluno: sabia o nome de todos os alunos e se caracterizava por discursar, empolgado, os lances mais emocionantes da História de Portugal, em especial o de Aljubarrota.

Outros artigos se sucederam.

**O de 17 de janeiro de 1926 — "Um perfil ligeiro"** — tratava de um antigo professor de Matemática da Escola — o "**Mamute**" — apelido que fazia lembrar o elefante antediluviano. Após retratar o personagem, seus caracteres e trajetória, termina seu relato quando o professor, solteiro, é vítima fatal de um atropelamento, desaparece e, sob seu colchão, é encontrada a quantia de oito contos de réis.

Mais uma vez o assunto "recepção aos novos alunos" foi tratado no artigo de 25 de setembro "**A escola à luz da história e da legenda**". Nele, defende que os códigos das fichas e os trotes contribuíram para o processo seletivo dos alunos por fazer "depositar as escórias e impurezas que os bichos traziam, frutos de uma deficiente educação doméstica e social".

Conclui que foi grande a projeção da Escola Militar da Praia Vermelha na vida nacional, através, principalmente, dos valores morais que transmitiu a seus integrantes.

Outros dois tipos humanos da Escola Militar revivem nas palavras de Lobo Vianna. São dois ex-servidores que competiam comercialmente. Um teve destino de grandeza e o outro, de pobreza. O texto é rico de calor humano, e uma lição de vida.

O trecho que se segue é parte de um artigo, publicado na edição de domingo, 11 de abril de 1926, em **O Jornal**, denominado "Do café da manhã a instrução de recrutas", abordando, na parte agora publicada, aspectos da instrução militar na caserna do final do século XIX, importante referencial para a compreensão da evolução do Exército Brasileiro.

"... Em 1878, quando me matriculei, ainda perdurava a suspensão do café pela manhã e muito se comentava a energia invulgar do General Polydoro nessa célebre questão.

Após a revista das seis, as companhias formavam nos seus respectivos pontos de formatura. Os veteranos e os bichos praças promptas seguiam para os diversos exercícios e os bichos paisanos iam ter á escola de recrutas. Esta estava a cargo de um tenente de infantaria que, como praça de pret tomara parte na inolvidável Retirada de Laguna, sob as dobras do 17º de Voluntários, e, nomento cursava as aulas do terceiro ano do curso superior.

"De estatura meã, forte compleição physica, espessa cabelleira negra, ondulada, sedosa: farto bigode, amplo e bem cuidado cavaignac (era a moda militar da época): porte marcial, garbo militar, corretamente fardado, enfim, um belo tipo de homem e de soldado. De uma pontualidade britânica, era o primeiro a chegar ao local do exercício (em frente á arrecadação do velho Platz), e o ultimo a retirar-se, chegando, na maior parte das vezes, a exceder o tempo, apesar do toque de retirada retumbar pelo campo a fora."

"Excelente instrutor, paciente, metuculoso, exigente, enérgico sem ultrapassar ás raias da civilidade. A instrução ministrada diariamente pela manhã e á tarde durava a escola desarmada cerca de dois meses e a armada quatro a cinco semanas. Os mesmos movimentos, tantas vezes repetidos, até atingir a uma relativa simultaneidade, determinavam um tal ou qual esgotamento de forças maximé pela manhã, indo ter ao cansaço, á fadiga, ocasionando, ás vezes, deliquios, desmaios e syncopes. Se de um lado havia, por parte do instrutor, uma certa pertinácia, uma quasi pyrrhonica teimosia: de outro, os instruendos davam margem a essa conduta. Se uns se adaptavam perfeitamente ao meio, executando com destreza e correção os movimentos; outros pelo contrário se mostravam refratários aos ensinamentos, pouco atenciosos, negligentes e incorretos. Era necessário corrigi-los a todo momento; daí a monotonia da ultima forma e do marcar passo no mesmo terreno. Quando a simultaneidade dos movimentos a tornava regular, uniforme, homogênea, coesa e nada mais havia a corrigir, passava-se á escola armada."

"Nos primeiros dias, como era natural, a Comblain (fuzil da época) pesava imenso, produzindo câimbras nos braços, pressão violenta nos músculos dos ombros e dor na clavícula direita; depois todos se adaptavam á arma. Não se lhe sentia mais o peso.

Então o tenente instrutor, postado á frente da escola, cofiando o sedoso cavaignac, modificando o mandamento da Ordenança, por uma prosodia toda sua, exclusivamente sua, mandava:

— Hombro-épe. Braço-épe. Sespender-épe, ao invés de ombro armas, braço armas, suspender armas.

E a rapaziada bichai não mais o conhecia senão pelo tenente ombro, **tenente épe**.

A escola dissolvia-se após o terceiro ou o quarto exercício de fogo, á cartucho de festim. Os recrutas passavam a prompto, da instrução e iam intercalar-se com os veteranos nos exercícios gerais de infantaria, sob o investigador monocolo do adiposo tenente Tamborim, enganchado em seu garboso ginete branco, e montar guarda aos domingos.

Não havia mais bichos. A Habilitação os depurara no cadinho da igualdade e fraternidade veteranas.

Decorridos anos e anos, decênios sobre decênios, vim, em plena Avenida Central, encontrar o meu ex-instrutor de recrutas.

Como a ferrugem do tempo oxida, encanece e envelhece os homens modificando-lhes radicalmente os hábitos!

Ao invés do soldado entusiasta, do oficial inteligente, calmo, correto, cheio de amor e de orgulho pela sua classe, deparei com um forte, sadio, e feliz octogenário, carregando garbosa e venturosamente o pesado fardo dos anos. Trazendo habitualmente na botoeira de seu fraque preto ou cinzento, uma flor vermelha, em geral, uma sedutora sedosa e berrante orchidéa; cultivando carinhosamente uma basta cabelleira preta, pintalgada de fios de prata a saltar revolta das abas do seu chapéu de feltro e um bigode um tanto falho; conservando do belo cavaignac de outra os farrapos de uma apoucada pêra, satisfeito, risonho e venturoso o vejo quase sempre, só, caminhando a passos tardos pelos largos "trottoirs" da Avenida detendo-se, as vezes, por minutos a falar aos amigos ou a confabular com os clientes.

Rico, riquíssimo; capitalista, proprietário abastado, milionário, um dos maiores contribuintes do imposto predial, é ainda o mesmo soldado dos tempos que se foram. Nem os juros de suas apólices, os dividendos de suas ações e debêntures e os alugueis de seus inúmeros prédios; nem o alinhar dos Algarismos, o somar dos ganhos e o multiplicador dos lucros conseguiram embatar-lhe as virtudes militares. No fundo, no intimo, ainda golpha o orgulho do ter sido soldado e soldado da velha tempera.

Como ele goza quando alguém passa e lhe diz:

— Adeus, general!

— Adeus! — responde sorridente, não contendo a satisfação dos bordados que lhe ornem a farda do general honorário.

Mas desse octogenário feliz, desse chefe de família exemplar, desse capitalista argentario que encarna sua tradição militar, desse sobrevivente, desse abonceragem da Retirada de Laguna, apenas, na minha retina exausta, esgotada pelos anos, se projeta a vaga e indecisa silueta do ex-instrutor de recrutas: o bom, o atencioso, o correto, o marcial tenente Hombro; o amável, o calmo, o metucioso tenente E'pe, tão amoroso e entusiasta pela sua classe.

Mudam os tempos, modificam-se os homens, mas as saudades ficam de pé, recordando um passado que não volta mais."

*Lobo Vianna*

### EM Fevereiro de 2023



**Veterano Cel Eng Claudio Moreira Bento Historiador e pensador militar. Memorialista e Jornalista**

(X) Coronel Claudio Moreira Bento nascido em Canguçu-RS em 19 out 1931. Turma Asp Mega Eng AMAN 1955. Historiador e Pensador Militar, Memorialista e Jornalista. Sócio Benemérito do IGHMB, emérito do IHGB, acadêmico correspondente da Academia Portuguesa da História e sócio correspondente das academias Real de História da Espanha, da Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. É o Presidente de Honra e acadêmico da Academia Duque de Caxias na Republica Argentina. Integrou como adjunto do Presidente, a Comissão de História do Exército do Estado – Maior do Exército 1971/1974, na qual como historiador convidado pelo Chefe do Estado-Maior do Exército escreveu o artigo As Guerras Holandesas, da **História do Exército perfil Militar de um Povo**. Foi instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras 1978/1980 Academia sobre a qual escreveu 4 livros sobre sua História, além de diversos artigos Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985/1980. E autor de mais de 110 obras (Álbuns livros e plaquetas) disponíveis para serem baixados no site [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) e no Google, além de centenas de artigos na imprensa civil e militar, em grande parte disponíveis ou relacionados no citado site . Seu último livro foi sobre **Marechal José Pessoa e seus méritos na Fundação de Brasília e os valores de sua modelar carreira no Exército**. Foi o idealizador e executor do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul constante de 24 livros, dos quais 21 em 1ed e 3 em 2ed, tendo como principal parceiro o historiador militar Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. Presidiu como Diretor do Arquivo Histórico do Exército , comissão para estudar e propor a localização do Museu do Exército, a qual indicou o Forte de Copacabana. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá 1982-1982. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985-1990. É Comendador do Mérito Militar, do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil e da Ordem João Simões Lopes Neto, por Lei da Câmara de Vereadores de Pelotas. Trabalhou de 1957/59 e 1961/66 em Bento Gonçalves RS , na construção do Tronco Ferroviário Su, considerado serviço de natureza nacional relevante. Fundou e presidiu as Academias Canguçuense, Piratiniense, Resendense e Itatiaense de História. É sócio dos Institutos históricos e geográficos do RS, SC, PR, SP, MG, PB, RN, CE e de Sorocaba, Petrópolis, Pelotas do CIPEL, em Porto Alegre e do IEV no Vale do Paraíba correspondente das Academias de Letras do Rio Grande do Sul e da Paraíba e da Raul Leoni de Petrópolis. Possui 6 prêmios literários e possui artigos transcritos na Câmara Federal e nas assembleias legislativas de Goiás e Minas Gerais e na Câmara de Vereadores de Recife. Coordenou o projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Montes Guararapes no Recife. E cidadão itajubense, itatiaense e resendense. Tem sido considerado o maior historiador brasileiro de todos os tempos pelo volume e variedade de sua obra literária. Foi

palestrante sobre História do Exército nas ESG, ECEME, IME, EsAO, AMAN, ESA e Escola de Instrução Especializada e nos CPOR de Recife, Rio de Janeiro, Porto Alegre e no NPOR de Pelotas, e Itajuba e Colégios Militares de Porto Alegre, Rio de Janeiro, Recife e Campo Grande. Desenvolveu, em parceria com o historiador militar Luiz Fagundes, para ser lançado neste ano de 2022, Bicentenário da Independência, a obra **Os 78 anos da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende, com Almanaque de todos os Aspirantes a Oficial masculinos e femininos formados por ela 1944-2021**. E ainda para o Bicentenário da Independência, a Biblioteca do Exército lançará seu livro **Duque de Caxias – o Patrono do Exército e a Unidade Nacional**, como contribuição do Exército às comemorações do Bicentenário da Independência. Este ano completará 91 anos de idade. Se Deus quiser!. Em seu site e no Google pode ser acessado seu livro digital **Meu legado historiográfico civil e militar não vivi em vão!** Endereço: Rua Alfredo Whately, 365, Ed. Porto Aquarius, Cobertura 603 – Bloco B – Campos Elíseos, Resende-RJ, 27542-170. Site [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br). E-mail [bento1931@gmail.com](mailto:bento1931@gmail.com) Celular 24/999247757



Camila Karen Costa Santos Renê. Nasceu em 13 de novembro de 2001, filha de Daniel Renê de Oliveira e da pedagoga Josiane Costa Santos Renê. E possui a irmã Gabriela. Estudou no Colégio Estadual Olavo Bilac de 2012 a 2019 onde cursou o ensino fundamental e o ensino médio.

Trabalhou como secretária do Presidente da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) de 30 de outubro de 2017 a 20 de dezembro de 2019 e, a partir desta data, como secretária particular do historiador Cel Cádio Moreira Bento.

Cursa Direito na Associação Educacional D. Bosco (AEDB) desde Fevereiro de 2022.

Foi condecorada pela Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil, como Cavaleiro do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil, por sua destacada contribuição a História Militar Terrestre do Brasil e também como Colaboradora Emérita da extinta FAHIMTB.

### **Camila segundo o Cel Bento:**

“Camila iniciou a trabalhar comigo aos 15 anos, em outubro de 2017, quando cursava o 1º ano do Curso Médio no Colégio Estadual Olavo Bilac. Trabalhou comigo na sede da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) que eu havia fundado em Resende-RJ em março de 1996, a qual foi logo acolhida pela Academia Militar das Agulhas Negras AMAN.

E convidei seus pais, por ser Camila menor, para ver onde ela trabalharia. Eu me responsabilizei por ela. Ela trabalhava 3 vezes por semana, a tarde. Pois de manhã cursava o Curso Médio.

E Camila logo demonstrou grande vontade de aprender. Era muito aplicada, responsável e respeitosa. E logo passou a dominar o computador como habil digitadora e digitalizadora. Não precisava mais que uma explicação. Ela captava logo e executava o solicitado e era muito estimada pelos funcionários da Biblioteca da AMAN que me apoiavam. E também passou a dominar por completo o uso do Celular.

Em 20 de Dezembro 2019 com a extinção da FAHIMTB, por falta de recursos para a manter, em razão da extinção de meu contrato de Prestador de Tarefa para escrever e publicar a História do Exército e rompimento do apoio financeiro que de longa data recebia da FHE-POUPEX, tive de fundar independente 5 AHIMTBs que até então eram subordinadas a FAHIMTB e na esperança que elas dessem continuidade ao trabalho da extinta FAHIMTB.

E passei a trabalhar, ou melhor, me divertir continuando a escrever sobre a História do Exército por conta própria. Pois quem faz o que gosta e sabe fazer, não trabalha se diverte!

E contratei Camila para comigo trabalhar de acordo com as Leis Trabalhistas, para que ela pudesse patrocinar seu estudos de Direito na Faculdade de Direito da Fundação Educacional D.Bosco, na qual vem se destacando por suas boas notas.

Depois de 6 anos é muita expressiva a contribuição da Camila para o desenvolvimento da História do Exército Brasileiro em especial. Por agilizar a produção de meus livros e artigos sobre História Militar e os encaminhando ao meu filho, o Veterano Capitão de Mar e Guerra Carlos Noberto Stumpf Bento, que desde a fundação da FAHIMTB criou e administra meu site [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br). Desenvolvimento rápido de meus Livros e Plaquetas, graças aos seus notáveis conhecimentos de Informática, que aprendeu sem curso e por curiosidade e do uso do Celular, além de realizar meus serviços de Bancos e Correios. Tudo com elevada presteza e dedicação exemplares.

Enfim, Camila tornou-se uma valiosa e prestimosa acessora deste historiador e jornalista. Desenvolveu uma boa capacidade e criatividade de fazer as capas de meus Livros e Plaquetas digitais e até estará sendo co-autora de alguns de meus livros digitais.

Esta é a jovem e dedicada Camila Karen que trabalha há 6 anos comigo e que a considero hoje uma espécie de bisneta do coração, pois até o momento não possuo bisnetos. Até ela respondeu todas as minhas perguntas sobre Informática e sobre o uso do Celular. Ela já construiu um belo nome, e votos de que ela continue a enriquecer o seu nome. Pois é muito importante em nossas vidas construir um belo e confiável nome.”